

Venezuela não pode anexar área da Guiana afirma Corte de Haia

# Corte de Haia diz que Venezuela deve evitar 'mudar status' de Essequibo

Tribunal não recomendou suspensão de plebiscito de Maduro sobre território disputado com a Guiana

SÃO PAULO Juizes da Corte Internacional de Justiça, em Haia, na Holanda, disseram nesta sexta-feira (1º) que a Venezuela não deve tomar qualquer atitude que possa modificar a situação atual da região de Essequibo, alvo de disputa com a Guiana.

O território potencialmente rico em petróleo tornou-se motivo de tensão após Caracas passar a reivindicar parte da região, atualmente sob poder do país vizinho. O regime de Maduro convocou para o próximo domingo (3) um plebiscito sobre a anexação de Essequibo.

O tribunal não foi expressamente contrário à votação, conforme solicitado pela Guiana, mas os juizes deixaram claro que qualquer ação concreta para alterar o status quo deve ser interrompida. A iniciativa de Maduro acontece antes das eleições presidenciais venezuelanas, marcadas para 2024, mas ainda sem uma data definida.

"O tribunal observa que a situação que prevalece atualmente no território em disputa é que a Guiana administra e exerce controle sobre essa área", disse a juíza presidente, Joan Donoghue. "A Venezuela deve se abster de tomar qualquer ação que modifique essa situação."

O presidente da Guiana, Irfaan Ali, saudou a decisão do tribunal e anunciou que a Venezuela está proibida de anexar ou invadir o território guianês ou tomar qualquer outra ação — independentemente do resultado de seu plebiscito, em 3 de dezembro — que alteraria o status quo", afirmou.

Já Maduro fez uma série de publicações no X em defesa da anexação do território. Em uma delas, o ditador compartilhou um vídeo que faz referência ao rock mundial dos anos 1980 para, depois, mencionar a banda Têmpano, que na época lançou uma música em que dizia que Essequibo "é meu, é seu, é terra venezuelana".

"Vamos pagar essa dívida histórica e votar cinco vezes 'sim'", diz o narrador. "Nossa pátria é formada por mulheres e homens valentes. Não deixaremos que ninguém tire o que nos pertence, nem trairemos nossos princípios", afirmou Maduro, em outra mensagem.

Na votação, os eleitores responderão a cinco perguntas — uma delas diz respeito ao plano para incorporar a região e criar um estado chamado Guayana Essequiba, movimento que a nação vizinha classificou de "ameaça existencial".

A Venezuela alega que a área de 160 mil km² (pouco maior que o Acre) é parte do seu território. A pauta histórica une os venezuelanos há mais de cem anos, razão pela qual a

expectativa é de que o "sim" ganhe por ampla maioria. A disputa pela soberania de Essequibo faz parte da confusão decorrente da divisão colonial da costa caribenha da América do Sul.

Em 1809, um laudo internacional decretou que a região integrava a então Guiana Britânica, ou Guiana Inglesa. Em 1948, os venezuelanos iniciaram uma campanha denunciando o documento como fraudulento e, em 1966, assinaram um acordo com Londres para tentar resolver a situação.

Diferentemente do que diz a propaganda da ditadura, o dito Acordo de Genebra não decretou que o laudo era uma fraude, mas aceitou a queixa venezuelana, assim como a promessa britânica de negociar os limites territoriais. Meses depois da assinatura, porém, a Guiana tornou-se independente, o que arrastou as negociações. Um congelamento do conflito durou de 1970 a 1982, quando a Venezuela resolveu renegar o acordo em curso e voltar para os termos de 1966. O caso acabou remetido para a ONU (Organização das Nações Unidas).

O assunto havia esfriado até a descoberta, nos últimos anos, de petróleo e gás no território marítimo da região. A partir de 2019, quando a americana ExxonMobil começou a extração de petróleo no país, a nação deu um salto na economia. Segundo dados do FMI (Fundo Monetário Internacional), ninguém em 2022 cresceu tanto quanto a Guiana: 62%. A previsão é de um avanço de 37% neste ano.

## Conflito opõe uma potência regional a um nanico militar

Igor Giolow

SÃO PAULO A crise entre Venezuela e Guiana acerca da soberania da região de Essequibo opõe dois países diametralmente opostos do ponto de vista militar, mas a geografia do eventual teatro de combates dificulta a vida de Caracas.

Começando por números, as Forças Armadas da Venezuela formam uma potência regional bastante considerável. Tem, segundo o IISS (Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres), 123 mil militares à disposição para combate, fora um efetivo de milicianos estimados em 220 mil.

Desde a ascensão do coronel Hugo Chávez (1954-2013) ao poder, em 1998, o direcionamento antiamericano do governo local o levou ao colo de potências rivais dos Estados

## Compare as forças de Venezuela e Guiana

Venezuela	Guiana
<b>Efetivo</b> 123 mil	<b>Efetivo</b> 3.400
<b>Blindados</b> 514	<b>Blindados (EE-9 Cascavel)</b> 6
<b>Artilharia</b> 545	<b>Artilharia</b> 54
<b>Barcos de patrulha</b> 25	<b>Barcos de patrulha</b> 5
<b>Helicópteros</b> 118	<b>Helicópteros</b> 3
<b>Tanques</b> 173	
<b>Tanques leves</b> 112	
<b>Caças</b> 40	
<b>Aviões de transporte e uso misto</b> 111	
<b>Helicópteros de ataque</b> 9	
<b>Submarino</b> 1	
<b>Fragatas</b> 2	
<b>Navios de patrulha</b> 9	
<b>Navios anfíbios</b> 7	
<b>Navios de logística</b> 10	
<b>Sistemas anti-aéreos</b> - 12 longo alcance, 97 de médio e defesa de ponto	
<b>Canhões anti-aéreos</b> - 440	

## Entenda a disputa por Essequibo



Venezuela	Guiana	Essequibo
<b>Ditador</b> Nicolás Maduro (desde 2013)	<b>Presidente</b> Irfaan Ali (desde 2020)	Ocupa dois terços do território guianês
<b>População</b> 29 mi	<b>População</b> 795 mil	<b>Superfície</b> 160 mil km² (pouco maior que o Acre)
<b>PIB</b> US\$ 115 bi (est. 2023)	<b>PIB</b> US\$ 15,3 bi (2022)	<b>População</b> 120 mil
		<b>Riquezas:</b> petróleo (mar), ferro, níquel, urânio, níquel, cobre, quartzo, ouro, diamantes, magnésio e bauxita

Fontes: Balanço Militar 2023, Instituto Internacional de Estudos Estratégicos e Banco Mundial

## Consulta à população venezuelana terá 5 perguntas; saiba quais são

1. Você está de acordo em rechaçar por todos os meios, conforme o direito, a linha imposta fraudulentamente pelo laudo arbitral de Paris de 1899, que pretende nos despojar da Guiana Essequibo?
2. Você apoia o Acordo de Genebra de 1966 como único instrumento jurídico válido para alcançar uma solução prática e satisfatória para a Venezuela e a Guiana, em torno da controvérsia sobre o território da Guiana Essequibo?
3. Você está de acordo com a posição histórica da Venezuela de não reconhecer a jurisdição da Corte Internacional de Justiça para resolver a controvérsia territorial sobre a Guiana Essequibo?
4. Você está de acordo em se opor por todos os meios, conforme o direito, à pretensão da Guiana de dispor unilateralmente de um mar pendente de delimitação, de maneira ilegal e em violação do direito internacional?
5. Você está de acordo com a criação do estado Guiana Essequibo e que se desenvolvesse um plano acelerado para o atendimento integral da população atual e futura desse território que incluía, entre outros, a concessão de cidadania e cédula de identidade venezuelana, conforme o Acordo de Genebra e o direito internacional, incorporando em consequência o dito estado no mapa do território venezuelano?

dos Unidos, tradicionais parceiros na área de Defesa.

Com isso, o país se viu inundado de material militar russo, como caças avançados, tanques, blindados, obuseiros, rifles de assalto e muito mais — com destaque a um sistema anti-aéreo em três camadas, defesa de ponto, média e longa distância, de fazer inveja a qualquer país da região. Da China, vieram radares, aviões de treinamento e outros equipamentos.

No papel, uma variedade grande, mas a contínua crise econômica sempre colocou em dúvida, entre analistas, a real capacidade de emprego do material. Segundo relatos, raramente metade da frota de 24 caças Sukhoi Su-30 foi considerada apta para voar — e, sem confirmação, três aviões já caíram por problemas diversos.

Analistas como Ivan Farabonov, que atua em consultorias de Moscou, consideram contuado que há muita propaganda nessa avaliação e lembram que uma disponibilidade de cerca de 50% da frota está dentro de padrões internacionais.

Mesmo que tenha ares de tigre de papel, a Venezuela é um gigante perto da Guiana. O pequeno país caribenho não tem Forças Armadas propriamente ditas, mas sim uma Força de Defesa que mais se assemelha a um dispositivo policial.

Conta com meros 3.400 homens, segundo o IISS, e poucos equipamentos — as estrelinhas, por assim dizer, são seis blindados de reconhecimento EE-9 Cascavel, fabricados pela falida brasileira Engesa.

Sua esperança, em caso de emergência militar, reside mais na forte presença de empresas estrangeiras a explorar seus recursos naturais, a americana ExxonMobil à frente, com operação a pleno vapor para extrair petróleo em operação nas águas de Essequibo. Em resumo, que os EUA mandem a cavalaria, por assim dizer.

Mas este é um choque militar que parece atender mais às fantasias da esquerda e da direita radicaliza das da América Latina do que à realidade. Ideias de que os russos, apoiadores da ditadura de Caracas, teriam interesse numa confusão no quintal geopolítico dos EUA, são apenas isso do ponto de vista prático.

Por óbvio, por outro lado, uma guerra em torno de uma causa popular sempre foi um modo clássico de países ditatoriais tentarem galvanizar apoio interno — vide a Guerra das Malvinas de 1982.

A possibilidade mais lógica para o ditador Nicolás Maduro é uma combinação de ataque aerotransportado aos poucos centros urbanos de Essequibo e um desembarque anfíbio pelo Caribe — para tal, conta com talvez cinco C-130 Hercules mais antigos e oito Y-8 chineses, mais recentes, aliados a sete navios de desembarque anfíbio. Isso dito, uma anexação pressupõe o envio de forças de ocupação, um problema adicional. Tudo depende da vontade de Maduro — que, como Chávez, já jogou a carta do temor de um conflito regional, no caso com a Colômbia, para proveito próprio antes.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo Caderno: A Pagina: 12